



trajeto de olhos

Nicolas Bastos

essa é uma carta aberta a todos que me encaram duas vezes na rua
a ti, que desacelerou o passo para me destrinchar com mais calma
quando eu apenas queria ser mais um zé ninguém na calçada
para as mulheres, que procuram um volume singelo na bermuda
como se eu fosse um animal doméstico de vitrine
para os homens, que notam o volume em minha camisa
e riem com escárnio cutucando o colega mais próximo
para os olhos, que percorrem trajetos no meu corpo (condenado)
quando este nunca foi uma propriedade pública ou muito menos quadro
cujo peso e estatura, estão na etiqueta do museu para ser datado (classificado)
a ti, pele que analiso no espelho sujo do banheiro
e que mesmo sem traços grossos ou pelos, me pertence
a eles, que inventaram as leis do parecer a designaram na sala de parto
e esqueceram de lembrar que não somos farinha do mesmo saco
a ti, cochicho nada despercebido em linhas de desaprovação, transpassando-me
aos balconistas que pedem a identidade sem necessidade de verificação
como se as letras datilografadas em um documento dissessem quem é humanidade
e quem é resto, porque quem deve ficar à margem não tem nome certo na certidão
às solas das minhas chinelas gastas, que, com brutalidade no concreto duro, raspam
rápidas o chão



peço perdão: ainda não me foi dado o direito de andar com lentidão
a cada palavra em tom vil, pelas quais os meus ouvidos foram afetados
sapatão, maria joão e a máxima: aberração
mas que a minha garganta não engoliu, plantou reciprocidade e escarrou, cuspiu
e enfim para o trajeto de olhos que nunca encontrou a minha verdadeira visão
apesar de não me tirar nunca da mira a repressão
digo-lhes: no holofote que antes foi sistema, irão me assistir transvivo.